

O Pequeno Príncipe



Antoine de Saint-Exupéry

O Pequeno Príncipe

Tradução
Ari Roitman



Garamond

Copyright © Antoine de Saint Exupéry

Copyright da tradução © Ari Roitman

Título original: *Le petit prince*

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Rua Candido de Oliveira, 43
Rio de Janeiro · RJ · Brasil · CEP 20.261-115
editora@garamond.com.br
www.garamond.com.br

Revisão: Alberto Almeida

Projeto gráfico e editoração: Estúdio Garamond

Aquarelas do Autor

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S144p

Saint-Exupéry, Antoine de, 1900-1944

O pequeno príncipe / Antoine de Saint-Exupéry; tradução Ari Roitman. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2015.

96 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: *Le petit prince*

ISBN 9788576174165

1. Fábula francesa. 2. Ficção francesa. I. Roitman, Ari. II. Título.

15-23458

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Para Léon Werth

Quero pedir desculpas às crianças por dedicar este livro a um adulto. Mas tenho um bom motivo: esse adulto é o meu melhor amigo no mundo inteiro. Tenho outro motivo: esse adulto é capaz de entender tudo, até livros para crianças. E tenho um terceiro motivo: esse adulto mora na França, onde está passando fome e frio. Ele realmente precisa de consolo.* Se todas estes motivos ainda não forem suficientes, quero dedicar o livro à criança que esse adulto foi um dia. Todos os adultos já foram crianças. (Mas poucos se lembram.) Então corrijo a minha dedicação:

PARA LÉON WERTH, QUANDO ELE ERA CRIANÇA.

* Este livro foi escrito em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Léon Werth, o melhor amigo do autor, estava correndo grande perigo na França, ocupada pelos nazistas. Não só porque era de origem judaica, mas também porque nessa época estava combatendo os invasores, na Resistência Francesa, ao lado de sua esposa Suzanne. (N.T.)

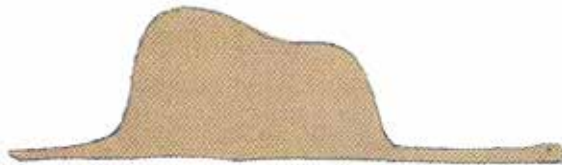
Capítulo I

Um dia, quando eu tinha seis anos, vi uma imagem linda num livro sobre a Floresta Virgem intitulado “Histórias vividas.” Era uma jiboia engolindo um bicho. Isto aqui é uma cópia do desenho.



O livro dizia: “As jiboias engolem a presa inteira, sem mastigar. Depois não conseguem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão.”

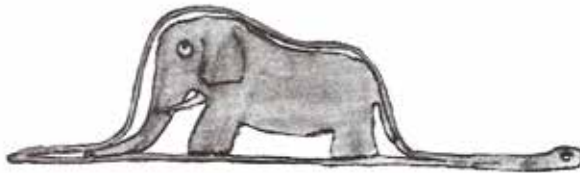
Então pensei muito sobre as aventuras na selva e também consegui fazer, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Era assim:



Mostrei minha obra-prima para pessoas adultas e perguntei a elas se o meu desenho dava medo.

Elas responderam: “Quem tem medo de um chapéu?”

Mas meu desenho não era um chapéu. Era uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei a jiboia por dentro, para que os adultos pudessem entender. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam então a esquecer os desenhos de jiboia, abertos ou fechados, e me interessar mais por geografia, história, aritmética e gramática. E então abandonei, com a idade de seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fiquei desanimado com o fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos não entendem coisa nenhuma sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar sempre explicando.

Então tive que escolher outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Voei para todas as partes do mundo. E a geografia realmente me ajudou muito. Sei distinguir a China do Arizona à primeira vista. O que é muito útil quando se está perdido de noite.

Por isso tive um monte de contatos, durante a minha vida toda, com um monte de gente séria. Convivi muito com os adultos. E os vi bem de perto. O que não melhorou muito a minha opinião.

Quando eu encontrava algum adulto que me parecia um poquinho mais sagaz, fazia uma experiência com meu desenho número 1, que guardei para sempre. Queria saber se aquele adulto era realmente esperto. Mas eles sempre respondiam: “É um chapéu” Então eu não falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. E me colocava no mesmo plano que eles. Falava de baralho, de golfe, de política, de gravatas. E os adultos ficavam contentíssimos por conhecerem um homem tão sensato...

Capítulo II

Por isso eu vivia sozinho, sem ninguém para conversar de verdade, até o dia em que meu avião enguiçou no deserto do Saara, seis anos atrás. Havia quebrado alguma coisa no motor. E como não vinham comigo nem passageiros nem mecânico, fui tentar fazer, sozinho, aquele conserto difícil. Era uma questão de vida ou morte. Eu só tinha água potável para oito dias.

Na primeira noite dormi na areia, a mil milhas de qualquer terra habitada. Eu estava mais isolado que um náufrago no meio do oceano. Então imaginem a minha surpresa quando, ao amanhecer, uma vozinha engraçada me acordou. Estava dizendo:

– Por favor... desenhe um carneiro para mim.

– Hein?

– Desenhe um carneiro...

Eu dei um pulo, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei bem. E vi uma figurinha absolutamente fora do comum me observando com toda seriedade. Este é o melhor retrato que consegui fazer dele mais tarde.

Mas meu desenho, certamente, é muito menos charmoso que o modelo. A culpa não é minha. Aos seis anos fui desenganado pelos adultos em relação à minha carreira de pintor e nunca mais aprendi a desenhar coisa nenhuma, a não ser jiboias fechadas e jiboias abertas.